



CAMILLE FLAMMARION

O popularizador da Astronomia e divulgador do Espiritismo, “de estatura regular”, de expressiva fisionomia, o ilustre astrônomo parece concentrar em seu olhar toda a energia de sua alma, toda vivacidade de seu espírito. Até o nome leva o selo de sua natureza e, por assim dizer, o signo estranho de seu destino (Flamma Orionis..)” (Biografias, Artículos y Datos Espiritistas, recopilados por E. E. G. – Madrid – Revista Psicología La Irradiación, 1896).

Astrônomo célebre, sábio e filósofo, o extraordinário investigador francês é, também, famoso e respeitado autor espírita, presidente da “Société Astronomique de France”, diretor do Observatório de Juvisy, dotado de “estilo encantador” (como se refere Léon Denis); ex-presidente da S.P.R. (Society for Psychical Research), encarnado em Montigny-le-Roi, Haute-Marne, França, num sábado, à uma hora do dia 26 de fevereiro de 1842; e, como ele mesmo diria mais tarde, “estava muito impaciente para chegar à Terra, e não esperou os nove meses; nasceu aos sete meses.”

A região da cidade onde nasceu teve uma grande influência romana; daí a razão de muitos dos seus habitantes terem nomes com essa origem. Camille é um deles.

Era descendente de modesta família de lavradores. Aos 4 anos sabia ler. Na Escola Comunal foi o primeiro da classe, conquistando, nos primeiros cursos, uma Cruz de Honra, que guardava como recordação de seu primeiro mestre, o Senhor Crapelet.

Sua desencarnação ocorreu aos 83 anos, em Juvisy-sur-Orge, França, tendo sido “inhumé dans son jardin”, no vasto Parque do Observatório, de Juvisy, no dia 4 de junho de 1925. “Il est mort comme un poète, comme un amoureux du ciel.”

Com a sua desencarnação, sua esposa Mme. Gabrielle Camille Flammarion (quando solteira, Gabrielle Renaudot, que era sua secretária) assumiu a direção do Observatório, desencarnando, porém, dois anos após. Em 1858, com 16 anos de idade, Camille foi admitido como auxiliar no Observatório de Paris e fez parte do “Bureau des Longitudes”, como calculador.

Desde muito jovem se deu a conhecer no mundo das letras com a notável obra “La Pluralité des Mondes Habités”, que escreveu aos 19 anos de idade. Ele morou em Paris, no piso mais alto de uma casa que forma a esquina da rua Cassini com a avenida do Observatório, a que se ligou muito, pois foi aí que sofreu as amargas vicissitudes da luta pela própria existência e onde gozou das maiores alegrias de sua vida. Nesta casa ele escreveu a maioria das obras que lhe deram fama; onde também, depois de casar-se, morou com a sua fiel companheira, esclarecida confidente de todos os seus trabalhos, e sua preciosa secretária.

O gabinete de Flammarion era muito singelo; mas, nas paredes, sobre o pavimento, em cima das mesas e das cadeiras, por todos os lados, uma montanha de livros, periódicos, folhetos e papéis. A sua mesa estava sempre coberta de cartas, que chegavam todos os dias, dos quatro extremos do mundo, e de provas para a sua Revista “L’ Astronomie”, que fundara em 1882, e para o “Nouveau Dictionnaire Encyclopedique”, etc.”

Durante cerca de uma dezena de anos, Flammarion recebia, quase todas as semanas, extensas cartas de um Senhor chamado Meret, de Burgos, que o felicitava. – Flammarion, demasiado ocupado para responder a tal desbordamento de entusiasmo, se contentava em dar-lhe graças de vez em quando, por um breve bilhete de recebimento. Flammarion já não se preocupava com o generoso Bordelés, quando, um dia, se apresentou um notário em seu domicílio, para anunciar-lhe que M. Meret, sentindo próximo o seu fim, e não tendo herdeiros, lhe legava totalmente – objetivando que a utilizasse para seus estúdios – a bela e vasta propriedade que possuía em Juvisy, e que se chamava, no país, o “castelo da corte de França...”

Em 1883, Flammarion fundou o Observatório Juvisy, que dirigiu durante toda a sua vida. Foi Presidente da “Société Astronomique de France” e professor do Príncipe Imperial. Em 1923 presidiu a “Society for Psychical Research”. Fez experiências, entre outras, com as médiuns Madame Girardin (na casa de Victor Hugo, em Jersey), Mademoiselle Huet e Eusápia Paladino.

O “Anuário Espírita do Brasil” (1931, 1.^a edição) destaca que “o sábio das constelações siderais, com a sabedoria de mestre, provou ao mundo que os domínios da Astronomia não iam somente ao conhecimento dos corpos celestes”.

O Imperador Pedro II, amante das ciências, foi visitar o astrônomo em seu retiro e plantou, com as suas próprias mãos, no parque, para perpetuar a memória de sua passagem, um pequeno cedro do Líbano, de cujo ato Flammarion, por sua vez, gravou em uma prancha de cobre, os detalhes desse acontecimento.

Rendendo homenagem a Allan Kardec, o Codificador do Espiritismo, que desencarnara, repentinamente, dia 31 de março de 1869, Flammarion, a convite da Direção da Sociedade

Espírita de Paris, consigna no seu discurso, para a posteridade que “Ele era o que eu denominarei o bom senso encarnado”, publicado, posteriormente, sob o título “Discours prononcé sur la tombe d’Allan Kardec”, por Didier e Cie. Paris, 1869, Imp. P. A. Bordier, 24 pp.; reeditado pela “Librairie Spirite”, com o título “Le Spiritisme et La Science”, Paris, 1869, “in” 8.º., 24 pp., e incluída, por Pierre-Gaëtan Leymarie, em “Oeuvres Posthumes d’Allan Kardec” (Obras Póstumas) (RE – 1869 – maio; OP, Discurso pronunciado junto ao túmulo de Kardec).

As obras de Flammarion foram traduzidas para grande número de idiomas – para o inglês, espanhol, sueco, dinamarquês, italiano, checo, holandês, romeno, russo, alemão, português – e são referidas na “Revue Spirite”, que também publica seus artigos.

Fonte: Revista ICESP, n.º 14